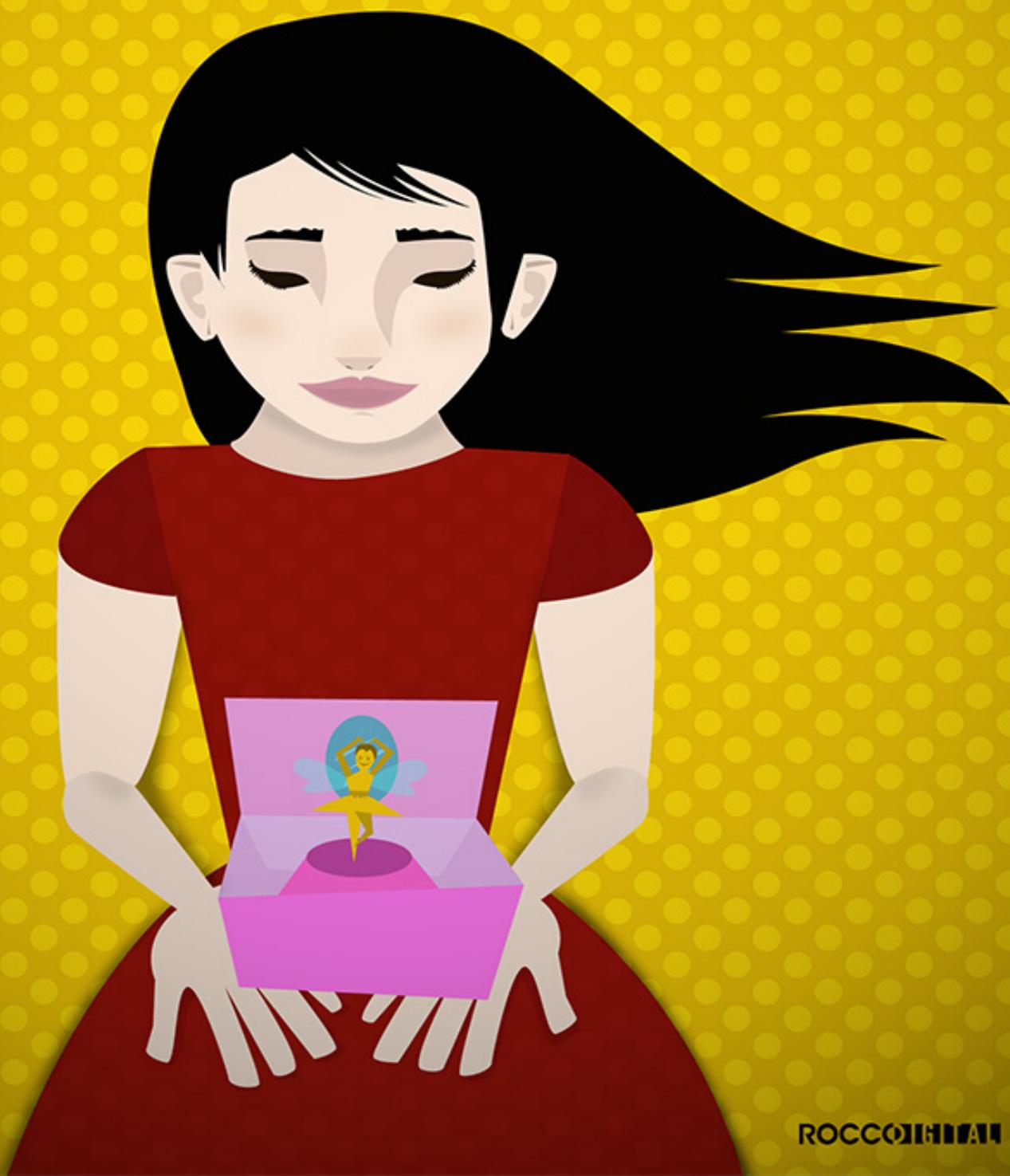


A CAIXINHA MÁGICA

Luiza Trigo



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Luiza Trigo

A caixinha mágica

ROCCO HITA

Sumário

Já é Natal!

“Aos doze você terá uma surpresa!”

Fada Madrinha

Melhor Presente

Créditos

A Autora

Leia também

Já é Natal!



ACORDEI EM SOBRESSALTO, como se tivesse saído de um pesadelo. Graças a Deus eu estava enrolada na minha velha colcha de retalhos, senão teria batido o rosto no teto e essa não seria a melhor forma de começar a celebrar o Natal. Eu estava tão animada que acabei rindo de mim mesma imaginando quão horrível eu teria ficado com um galo na testa – e da ironia de se levantar feliz da vida e a própria vida te mandar deitar novamente.

Já que uma força maior havia me prendido ali, decidi ficar quieta por mais um tempinho. Olhei para os lados e vi que o dormitório ainda estava quase todo ocupado. Vanessa, minha companheira de beliche, roncava como um trator; não sei como eu conseguia dormir com aquele barulho. Como uma pessoa tão pequena conseguia produzir um ruído tão medonho? Da minha cama, contemplei o teto. Vi as estrelinhas brilhantes coladas por mim no meu primeiro ano aqui. Fechei os olhos tentando me lembrar... fazia tanto tempo...

* * *

Eu estava muito assustada, com o rosto inchado e melado de tanto choro. *O que estou fazendo aqui? Eu quero a minha mãe!*, era só o que eu pensava, apesar de saber que não podia mais tê-la. Eu nem tive tempo de me despedir. Fui retirada de casa às pressas. Eles me levaram para diferentes salas em diferentes prédios, onde me fizeram muitas perguntas e me deixaram esperando uma eternidade. Depois, me colocaram em um carro e dirigiram por horas – pelo menos é como me recordo –, até pegarmos

uma estrada de terra e chegarmos a este casarão antigo, que parecia um castelo de tão grande. Qualquer criança se encantaria facilmente. Eu, ao contrário, não quis sair da cama. Durante uma semana inteira, as cuidadoras me trouxeram comida e me obrigaram a ir me arrastando ao banheiro, o que me fez odiá-las por um tempo.

Quando, enfim, eu resolvi me levantar, percebi pela primeira vez o tamanho daquele quarto e a imensa quantidade de beliches ao meu redor. *Que lugar era esse? Onde eu estava?* Uma cuidadora sorriu, feliz da vida, ao me ver de pé. Ela caminhou em minha direção, me pegou pela mão e saímos do quarto. Andamos pelo casarão em silêncio até entrarmos num escritório. Não me lembro de ter ficado assustada, estava triste demais para esboçar qualquer reação. A cuidadora sentou-se numa poltrona, segurou meus braços com delicadeza e olhou bem nos meus olhos. *Ela é boa*, pensei. Logo em seguida, a mulher sorriu para mim.

– Oi, Pri! Posso te chamar assim? – perguntou ela.

Fiz que sim com a cabeça.

– Você sabe onde está?

Permaneci em silêncio. Apenas balancei a cabeça numa negativa.

– Bem... Aqui é um orfanato. Uma casa onde recebemos as crianças que perderam os pais ou as que por algum motivo os pais não podem mais cuidar delas – explicou ela da maneira mais doce possível. – Você sabe por que está aqui, não sabe?

Eu não tinha muita certeza do porquê, então dei de ombros.

– Infelizmente a mamãe da Pri não pode mais ficar com ela...

Um frio subiu pela minha espinha e meus olhos se encheram de lágrimas.

– Mas sua mãe está bem. Está lá em cima com o papai do céu. Não precisa ficar triste. Esta casa é sua agora. Eu e as outras cuidadoras vamos cuidar de você com todo o amor e carinho que sua mãe te dava.

A cuidadora percebeu que eu estava prestes a desabar num choro doído. Rapidamente, ela se levantou, foi para trás da escrivaninha e voltou com uma caixa de papelão.

– Aqui está tudo o que a sua vizinha achou que você fosse gostar de guardar.

– Tia Rita! – balbuciei, lembrando-me de uma das únicas amigas da mamãe, que por sorte era nossa vizinha.

Tia Rita era mais que querida, sempre cuidava de mim quando mamãe precisava. Ela me tratava como se fosse sua filha. Eu amava escutá-la cantar. Sua voz era incrivelmente maravilhosa... Ela costumava cantar uma canção em inglês e sair dançando comigo pela sala fingindo saber tudo de balé. Eu adorava essa brincadeira, era muito divertida. Outro programa legal era a hora do chá. Toda vez que ficávamos sozinhas, à tarde, ela servia chá com bolachas, que ela mesma fazia, e me contava histórias sobre fadas e duendes tiradas de um livro enorme e antigo. Ao rever a caixa, meu pequeno coração se apertou...

– Por que não posso ficar com a tia Rita?

– Bem, Priscila... Não é possível adotar uma criança de repente. A casa pode estar cheia ou a rotina da pessoa ser impeditiva... Cuidar de uma criança não é simples, requer tempo e dedicação. Mas saiba que ela te ama muito e guardou todos estes pertences para você.

Uma lágrima escorreu dos meus olhos. Até a tia Rita eu tinha perdido.

– Vamos, não chore. Você não quer saber o que tem aqui dentro? – perguntou ela, secando o meu rosto e em seguida abrindo a caixa.

Olhei para o interior e senti meu corpo pender, quase caindo lá dentro do meu mundinho particular. A máquina de escrever do meu pai – a única coisa que eu tinha dele –, uma fotografia dos meus pais juntos: mamãe com um barrigão enorme e ele com cara de bobo. Eu não cheguei a conhecê-lo. Faleceu antes de eu nascer, mas mamãe sempre me contou muitas histórias sobre ele. Hoje, eu me lembro de poucas, mas guardo na

memória com muito carinho. Segurei o porta-retratos com força. Agora eu não tinha nenhum dos dois.

Voltei a olhar a caixa e tirei de dentro a colcha de retalhos que mamãe costurou quando estava grávida. Eu era muito apegada a essa colcha, dormia com ela desde que nasci. Agradei, na minha cabeça, a tia Rita por tê-la colocado dentro da caixa. Peguei a coleção de CDs do Ray que mamãe sempre escutava. Para mim, naquela época, eram apenas músicas. Hoje, são uma máquina do tempo. É só escutar que volto à sala da nossa casa e vejo mamãe dançando com um cabo de vassoura. Achei meu álbum de adesivos que mamãe me ajudava a colecionar. Ela sempre comprava uma nova cartela na volta do trabalho e as minhas favoritas eram as estrelas brilhantes, que eu adorava colar no teto. Por último, havia uma caixinha que eu nunca tinha visto e que me deixou bastante intrigada. A cuidadora retirou-a com cuidado, colocando-a entre as minhas mãos.

– Deixarei você um pouco a sós. – Ela saiu da sala.

Eu olhei para a porta sem entender nada. *Por que ela saiu? Que caixinha era aquela?* Analisei-a e tentei lembrar se já a tinha visto em algum canto da casa, mas não tinha memória alguma dela. Era pesada e fria, muito bonita. Arrastei o trinco para o lado e ela se abriu. Lá dentro, uma linda fadinha girava ao som de uma música que me soava familiar, mas eu não consegui identificar de onde a conhecia. Reparei que havia um pequeno buraco na mão da fada, como se faltasse algo que se encaixasse ali. No entanto, no fundo da caixa só havia um bilhete velho e dobrado. Curiosa, peguei o pequeno pedaço de papel e o abri na mesma hora. Nele estava escrito: “*Aos doze você terá uma surpresa.*”

O que aquilo queria dizer? Doze? Doze anos? Por que mamãe tinha escrito isso? Eram tantas as perguntas que pulavam na minha cabeça que eu agarrei aquele bilhete, e a caixinha, e apertei contra o meu peito como se estivesse abraçando a minha própria mãe. Não sei o que significavam aquelas palavras, mas eu certamente iria descobrir.

* * *

Ainda mergulhada em pensamentos, eu me virei de bruços e olhei por alguns segundos para a cabeceira. A minha cama era o pedacinho da minha casa que eu consegui guardar comigo. Aquele era o meu cantinho favorito. Lembrei-me da caixa e sorri. Ela foi o melhor presente de todos os tempos. Fiquei radiante ao recebê-la. Não que a dor tivesse passado, mas aquela descoberta funcionou como um antídoto à tristeza e mudou completamente o meu comportamento. E eu sequer desconfiava que aquele bilhete não havia sido escrito pela mamãe.

“Aos doze você terá uma surpresa!”



ANTES DE DESCER da cama, peguei a caixinha e a abri. O bilhete não estava mais ali. Em seu lugar havia uma pulseira de ouro branco com um pingente de árvore de Natal com uma grande estrela no topo. Era dia de usá-la, então, tratei de colocá-la no pulso, escorreguei para o chão sem fazer barulho e saí do quarto.

Cheguei no refeitório, que já estava em pleno funcionamento. Era de se esperar, afinal é praticamente impossível encontrar um lugarzinho vazio no orfanato inteiro. Somos mais de duzentas crianças. Apesar de querer um pouco de paz, não me irritei. Na verdade, não dá para ficar irritada no Natal. Eu estava elétrica, ansiosa, nervosa... Aquele era o melhor dia do ano. Peguei um pão francês, um bocado de ovos mexidos, um achocolatado e fui para o canto menos barulhento. Quando me sentei, a porta de entrada se abriu e lá estava ele. O outro motivo para que meu corpo tremesse todo. Aquela era uma péssima combinação: Jonas e Natal... Ele era tudo o que eu sonhava. Nós sempre fomos de turmas diferentes e bem... Isso não é motivo, mas ele nunca olhou para mim. Tudo bem que ele só entrou no orfanato quando eu tinha onze anos, mas foi amor à primeira vista. Ele era meio truculento e arrumava muita confusão, mas eu sempre vi nele algo diferente. Com o tempo, ele foi se isolando e se escondendo. Agora, fica a maior parte do dia na biblioteca e, mesmo na sala de aula, mantém a cara enfiada nas páginas de algum livro. Eu sou muito parecida com ele, mas no meu caso é a música que prende a minha atenção. Os CDs de mamãe foram a minha maior herança. Desde que Jonas chegou comecei a observá-lo de longe e, apesar do início ruim, ele é um dos meninos mais prestativos

daqui. Não que ele ofereça ajuda, assim, sem mais nem menos, mas ele não pode ver uma cuidadora numa situação difícil que já corre para ajudá-la. Eu fico encantada, babando por ele. Tentei uma vez ou outra me aproximar, mas nunca deu certo. Sou muito tímida, não sei o que diria se um dia ele olhasse nos meus olhos. Sinto um frio na barriga só de pensar.

Engoli o sanduíche de uma vez e saí correndo dali. Naquele ano eu estava decidida. Sabia o que queria de Natal! Eu queria uma conversa com o Jonas. Esse era o meu desejo.

Caminhando pelo pátio interno ouvi um choro nervoso que me angustiou muito. Resolvi ir atrás, nunca tinha escutado alguém chorar assim, parecia muito desesperado. Nem eu chorei daquela forma quando perdi minha mãe. Subi até o terceiro andar: o choro vinha dali. Fui devagar para não chamar atenção e percebi que o som vinha do mesmo escritório em que um dia eu estive chorando. A lembrança me bateu como um martelo. Caí ajoelhada querendo chorar também. *Mas por quê? Eu estava tão bem. Qual será o problema daquela menina?* Engatinhei até a porta para tentar entender o que estava acontecendo. Sentei no chão e me encostei para ouvir.

– Minha querida, calma. – Escutei a cuidadora Clotilde dizer. – Calma! Ainda vamos arrumar uma casa para você. Uma família vai querer te adotar. Tenho certeza. Você vai ter uma casa linda! Um quarto só seu. Seus pais vão ser amáveis e carinhosos – disse ela, mas a menina não parava de chorar. Ela devia saber que tudo aquilo era mentira. Não que Clotilde fosse mentirosa, mas, pelo choro da garota, ela não devia ser tão nova como eu era quando cheguei ao orfanato. E ninguém quer adotar crianças mais velhas. As chances são muito pequenas.

– Eu quero a minha mãe! – choramingou ela entre soluços.

– Já conversamos sobre isso, Rebeca! Ela não está mais conosco. Quantas vezes já falamos disso? Você está aqui há bastante tempo.

Bastante tempo? Quem é essa Rebeca?

– Eu não quero ficar aqui. Não aguento – disse a menina, me deixando com o coração apertado.

Eu sempre amei viver ali, nunca tive problema algum em estar naquele orfanato. Talvez porque eu tivesse uma esperança. A promessa daquele bilhete me manteve viva. Provavelmente, a menina não possuía nada em que se apegar, nada em que acreditar.

– Olha, Rebeca... – A cuidadora parecia hesitante – Eu não poderia te dizer isso, mas, por favor, se acalme: amanhã teremos uma visita.

Na mesma hora o choro parou.

– É verdade? – perguntou a menina, esperançosa.

– Sim, Rebeca! Mas não conta a ninguém que eu te disse isso. E fique calma. Quem sabe esse casal gosta de você? – A menina fungou uma última vez, e o silêncio se fez.

Engatinhei até a escada e me levantei para fingir que estava fazendo alguma outra coisa. A porta do escritório se abriu, e de dentro saiu uma menininha de cabelos loiros cacheados e com o rosto vermelho de tanto chorar, mas que agora parecia segura de si. Ela desceu acompanhada pela cuidadora, que acenou para mim sorrindo.

Quantas crianças caíram nessa história? Eu me senti revoltada de repente. Por que ninguém adota crianças mais velhas? Precisamos de lar tanto quanto os bebês e as crianças novinhas. Eu seria uma ótima filha e tenho certeza de que Rebeca também. Olhei pelo vão da escada, e ela parecia sorridente. Senti uma pena, uma vontade de abraçá-la e confortá-la.

O dia passou em câmera lenta. É sempre assim: quando esperamos muito um momento, ele demora séculos para acontecer. Pareceu uma eternidade, mas afinal chegou a hora da ceia. Essa é uma das únicas épocas do ano em que todas as crianças se reúnem no mesmo horário para jantar e as cuidadoras estão presentes, assim como os inspetores, as assistentes sociais e a diretora do orfanato. É a época mais feliz depois do dia das crianças. Tem anos que o número de presentes e brinquedos que chega por

meio de doações é enorme; o suficiente para cada criança ganhar o seu e ainda sobrar alguns brinquedos para a sala de recreação. É óbvio que os mais velhos não se empolgam mais com brinquedos. Preferem roupas, CDs, jogos, livros. Aliás, roupas usadas são novas para nós. Eu ganhei, ano passado, um suéter vinho maravilhoso e, mesmo durante o verão, usei-o por algumas semanas até não aguentar mais o calor. Depois guardei para usá-lo novamente no inverno.

O refeitório estava um falatório só, com muitos risos e gargalhadas. Era uma noite boa. Olhei ao redor procurando-o e o vi quieto, olhando para o prato, no outro lado do salão. Que vontade de estar ali perto, ao seu lado, poder conversar com ele ao menos uma vez. Não conseguia defini-lo, eu tentava fantasiar nossas conversas, mas nunca pareciam reais. Jonas era tão misterioso, tão intrigante. De repente, ele levantou a cabeça e, para minha surpresa, sorriu para alguém. Olhei na mesma direção, procurando a pessoa, porque nunca o tinha visto com ninguém. Mas todos estavam sorrindo naquele momento, então não consegui saber para quem era o sorriso. Voltei a olhá-lo e ele já estava de cabeça baixa. *Puxa... Perdi aquele sorriso*, pensei. Não dei a atenção devida, nunca o tinha visto sorrindo. Sempre estive tão sério, tão sozinho. Ele levantou a cabeça mais uma vez e a virou como se fosse puxado por um ímã. Seu olhar cruzou com o meu, e eu baixei a cabeça na mesma hora, sentindo as bochechas corarem. Pela primeira vez ele havia olhado para mim, olhado nos meus olhos. Meu coração disparou, olhei para o relógio esperando que o horário marcado estivesse chegando e, graças a Deus, estava. Faltavam dez minutos para o sino tocar e meia hora para o meu encontro tão esperado.

As atividades que se seguiram foram todas corriqueiras: levar o prato para a cozinha, seguir para o banheiro para escovar os dentes, ir para a cama... Minha cabeça estava em outro lugar; na verdade, em outro ano. Precisamente dois anos atrás.

* * *

Eu tinha seguido com as outras crianças para o quarto após a grande ceia. Depois de uns vinte minutos tentando dormir, senti um objeto vibrando em minha cabeceira. Abri os olhos assustada. *Será que alguém mexeu nas minhas coisas e esqueceu algo ali?* Não enxerguei nada naquele breu total do quarto e fui tateando na direção do barulho. Quando toquei o objeto, ele parou de vibrar. *O que é isso?* Ao tatear mais um pouco, não tive dúvidas: era a minha caixa de música. *Por que ela tinha vibrado? O que havia de errado? Seria a bateria?*

Quando a abri tomei o segundo susto, jogando-a para longe. Alguma coisa brilhava intensamente lá dentro. Meus olhos foram ofuscados pela claridade. *O que era aquilo?* Estremeci de medo. Peguei a caixa novamente e voltei a abri-la. Dessa vez, eu coloquei a mão na frente para que a luminosidade não machucasse a minha vista. Era muita luz para uma caixa tão pequena. Fechei-a depressa, com medo de que alguém no quarto pudesse ter visto, mas todos dormiam profundamente. Abri-a outra vez, agora devagar e, quando a escancarei, o brilho diminuiu. Pude ver enfim que a luz vinha da linda fada dançante. *O que está acontecendo? Como eu nunca vi a luz antes?*

Olhei para o fundo da caixa e não achei o bilhete de mamãe. Só uma pulseira e um pingente curioso. A mão da fada começou a piscar rapidamente, parecia viva, me chamando. Olhei-a assustada e foi quando reparei pela segunda vez o pequeno buraco em sua mão. Nesse exato momento, o pingente também começou a piscar. *Será que eu estava sonhando?*

Abri a pulseira, tirei o pingente e o encaixei na mão da fada. Na mesma hora ela se apagou completamente, me deixando no escuro. Virei preocupada para os lados. Não era possível, alguém devia ter visto aquilo. *Será que eu estava louca?*

Pisquei os olhos algumas vezes para ter certeza de que estava acordada. Foi quando a fada voltou a brilhar, desta vez já fora da caixa, sobrevoando

a minha cabeça. Olhei-a boquiaberta. Ela sorriu para mim e logo eu me lembrei da mensagem: “Aos *doze* você terá *uma surpresa!*”

Eu acabara de completar doze anos...

Fada Madrinha



FAZIA VINTE MINUTOS que o inspetor apagara a luz dos quartos. Espiei as camas ao meu redor e todos pareciam dormir. Abri discretamente a minha caixinha e a fada brilhava como nos dois últimos Natais. Tirei da minha pulseira o pingente e o encaixei em sua mão. Na mesma hora, ela despertou de um sono profundo, abriu os grandes olhos roxos e sorriu para mim. Levantou voo saindo pela porta do quarto e eu a acompanhei sem fazer barulho. Fui pé ante pé, evitando chamar atenção. Assim que cheguei na escada, escutei o barulho de uma porta rangendo e encostei-me à parede para não ser vista. Espiei para conferir se vinha alguém, mas não havia sombra alguma. Olhei para o lado e a fada estava ali, acima do meu ombro. Desci as escadas, até o primeiro andar, onde ficava o pátio interno. Atravessei correndo. Conseguimos sair da mansão sem sermos vistas. Eu estava ficando boa nisso. Fomos para a parte de trás da casa, onde havia um poço muito antigo e que não funcionava mais. Era ali que tudo acontecia. Como não havia janelas no primeiro andar e uma enorme árvore nos escondia das restantes, aquele era o esconderijo perfeito. Assim que paramos embaixo da árvore, olhei-a ansiosa. Eu tinha esperado o ano inteiro por aquele momento.

– Rithaly – chamei-a, e na mesma hora o brilho do seu corpo criou uma aura ao seu redor, lançando luzes para todos os lados.

Aquele era um espetáculo fantástico. Ela girou uma vez e, quando voltou para a posição inicial, já estava do tamanho de um ser humano, alta e linda. Já era incrível que a fadinha da minha caixinha pudesse se transformar naquele “mulherão”, ainda mais que assumisse uma forma

humana. Seus cabelos eram de um tom pastel cor-de-rosa, os olhos tinham uma cor roxa, vibrante, e ela usava um longo vestido verde-musgo. Assim que a transformação terminou, a luz se apagou e Rithaly parou de brilhar. Olhei-a saudosa e, quando ela abriu os braços, corri e abracei-a, sentindo falta de seu colo. Ela tinha sido a melhor coisa que já me aconteceu na vida.

– Tia Rita! – apertei-a com força. Apesar de já saber que esse não era o seu nome verdadeiro, eu me sentia em casa quando a chamava assim.

– Saudade? – perguntou ela com a voz calma, melodiosa.

Eu ficava sempre hipnotizada, olhando-a com cara de boba e querendo ficar ao seu lado para sempre. *Como eu nunca suspeitei que minha vizinha fosse uma fada?*, pensei. É claro que ela não tinha essa aparência, mas a voz... O jeito encantador...

– Acho que o abraço apertado já é uma resposta – respondi, ainda agarrada nela.

– Li todas as cartas que me escreveu – contou ela, me deixando muito feliz.

Eu sempre podia me comunicar com Rithaly através da caixinha. Era só colocar o bilhete lá dentro e fechá-la que, quando eu voltasse a abrir, ele não estaria mais lá, como num passe de mágica.

– Desculpe-me por escrever tanto – falei, um pouco sem graça. Eu sentia tanta falta dela que escrever me fazia sentir mais próxima. – Prometo que...

– Shhhh... – Ela olhou para longe e eu encarei-a assustada.

– Você escutou alguma coisa? – perguntei e ela se escondeu atrás da árvore.

Fiquei de olho por alguns minutos, mas nada surgiu. De repente, vi a grama se mexer ao longe e meu coração disparou. *Por favor, por favor, eu ainda não fiz o meu pedido.* Tentei ver o que era, mas estava escuro demais. *Além de perdê-la, eu certamente levaria uma bronca daquelas.* Dei alguns passos, corajosa, e me segurei para não berrar quando alguma coisa peluda roçou

em minha perna. Olhei para baixo nervosa e vi Chico, o gato do orfanato. Respirei aliviada e comecei a rir.

– Não precisa prometer nada. Continue me escrevendo, adoro saber como você está – disse ela saindo detrás da árvore e rindo do gato, que agora roçava em sua perna. Ela sempre sabia o que se passava na minha cabeça. – Temos que ser rápidas.

– Era só o Chico – respondi, desanimada.

– Eu sei, mas não podemos nos arriscar.

– Mas eu só verei você no Natal que vem! – choraminguei.

– Você pode me escrever, Priscila.

– Não é a mesma coisa. Aqui podemos conversar. As cartas são um monólogo, eu falo, falo e falo, mas não tenho resposta.

– Priscila... – Ela me repreendeu. Ninguém podia saber da existência dela, senão eu só a veria quando completasse dezoito anos.

– Tá bom! Tá bom! – cedi, chateada. – Eu só queria ficar mais com você.

– Ela representava a minha vida antes do orfanato e eu sentia muita falta de tudo daquele tempo. E, além do mais, ficar perto dela fazia com que eu me sentisse mais perto de mamãe.

– Querida! – Ela me olhou com carinho. – Eu também sinto muito a sua falta. Mas eu já te expliquei. Eu escolhi ser sua madrinha, e quando escolhemos uma criança, não podemos mais viver na forma humana. Eu decidi viver dentro da sua caixinha e estou sempre com você, por mais que você não consiga falar comigo. Você lembra das regras, não lembra? Voltei a abraçá-la com toda a minha força.

* * *

Quando Rithaly se apresentou para mim pela primeira vez, eu não conseguia nem pensar direito. Aquilo tudo era estranho demais para uma menina de doze anos. Se ela não estivesse tão diferente e brilhante, eu diria que estava zombando de mim! Eram muitas perguntas na minha

cabeça. *A tia Rita é uma fada? Como assim, fada? Ela sempre foi assim? Por que eu não soube disso antes? Por que ela está aqui? Por que ela me escolheu? Então, ela era a minha surpresa?*

– Eu vou responder a tudo – disse ela depois de um momento em silêncio. Foi a primeira vez que percebi que ela lia os meus pensamentos. Ela me contou que muitas fadas vivem na forma humana, é o jeito que elas têm de encontrar os seus “afilhados”. E foi assim que ela me escolheu. Quando soube o que tinha acontecido, decidi que me guiaria até os dezoito anos. Era muito difícil acreditar naquilo tudo, mas era reconfortante saber que eu levava um pedaço da minha casa comigo. Na situação em que eu me encontrava, ter uma fada e ainda mais a tia Rita era a melhor coisa que podia ter me acontecido. Ela certamente era a melhor fada do mundo. Depois de revelar toda a história, ela olhou nos meus olhos.

– Você tem direito a um pedido por ano. Todas as noites de Natal eu virei te visitar e te concederei um desejo, que sempre será entregue na manhã de Natal – contou ela, me fazendo cambalear.

– Como assim “um pedido”? – Além do sonho de tê-la ali comigo eu ainda teria um desejo realizado todo ano?!

– O que você quiser! – frisou ela. – Seu presente de Natal! Estou aqui para isso.

– Posso escolher qualquer coisa? – perguntei confusa, ansiosa e sem saber muito bem o que pedir. A única coisa que vinha na minha cabeça era “mamãe”.

– Bem... Não qualquer coisa, não é, Priscila?! Eu não posso ressuscitar um ente querido, não posso fazer alguém se apaixonar e, apesar de achar que você não queira isso, não posso matar ninguém – explicou ela, me fazendo rir.

– Matar? Nem baratinha? – Ela riu também.

* * *

Dois anos haviam se passado, e é claro que eu me lembrava das regras. O meu primeiro pedido tinha sido um frasco do perfume da mamãe, que eu uso até hoje. O segundo, um aparelho de som para o orfanato, para que eu pudesse escutar os CDs que herdei. Este ano eu faria o meu terceiro pedido e já sabia qual era há muitos meses. Estava contando os dias para aquele momento.

– Você gosta mesmo dele, não é? – perguntou ela, me fazendo corar.

– Bem... Eu não o conheço para gostar... Mas não consigo parar de pensar nele. Quero muito conhecê-lo – contei, envergonhada.

– Você sabe que eu não posso fazer com que ele se apaixone, não é?!

– Sim, eu sei! Mas...

– Você é muito esperta, sabia? – Ela sorriu.

Não podia fazê-lo se apaixonar, mas podia fazê-lo falar comigo. Se eu ao menos tivesse a chance de conversar... Eu tentaria fazer o resto.

– É isso mesmo que você quer? – Ela levantou a varinha, mas ao ver que eu desviei o olhar, baixou-a na mesma hora. – O que está passando aí nessa cabecinha que ainda não consegui ler?

– Quer dizer que você não consegue mesmo ler tudo? – comentei brincando.

– Só os pensamentos que estão na superfície. Se você trazer esse também, posso descobrir o que está te aborrecendo e te deixando em dúvida.

Sorri, sem graça. Eu queria muito conversar com Jonas, mas aquele pedido me parecia tão sem importância perto dos pedidos de muitas crianças do orfanato. Eu não estava me sentindo bem fazendo esse pedido, mas ao mesmo tempo tinha esperado o ano inteiro só para isso. *Era o meu pedido, era para mim... Por que eu devia me preocupar em pedir para os outros?*

– Porque sua mãe era assim – respondeu ela, lendo o meu pensamento.

– Você foi criada por uma mãe maravilhosa, que sempre ajudou os outros – disse tia Rita, abrindo um largo sorriso.

Eu continuei ali, parada, sem saber o que fazer. *Será que eu aguentaria esperar outros 365 dias?*

– Você já sabe o que pedir, Priscila. Seu coração não consegue esconder. – Ela me olhou com ternura. – Você está pronta?

– E-E-Estou – gaguejei, e ela levantou a varinha. – Eu quero que a Rebeca seja adotada por uma boa família. – Ao falar isso de uma vez, eu tirei um peso enorme do peito na mesma hora, minha cabeça esfriou e eu me senti muito melhor.

Tia Rita balançou novamente a varinha, que soltou alguns brilhos.

– Faça mal a alguém e a energia volta eletrizada. Faça bem a alguém e você será recompensada! – recitou ela.

Antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, ela desapareceu, voltando a ser a fadinha de chumbo. Peguei-a cuidadosamente e guardei-a no bolso do pijama. *O que ela quis dizer com isso?*

Melhor Presente



ACORDEI NO DIA SEGUINTE e todos já tinham corrido para o pátio interno. Era a manhã dos presentes. Antes de descer da cama, abri a caixinha e agradei a Rithaly pela noite anterior. Desci e saí do quarto. O silêncio da casa era assombrador. No Natal normalmente o orfanato ficava superbarulhento, cheio de crianças gritando e correndo. *O que estaria acontecendo?* Desci escada abaixo, preocupada, e, quando cheguei no pátio, vi as crianças atentas à porta de entrada.

– O que houve? – perguntei para alguém próximo, mas logo enxerguei do outro lado um casal sorridente acompanhado por um senhor de terno e gravata e mais três mulheres bem-vestidas. Eles conversavam com a diretora, que deu um comando para uma das cuidadoras e subiu com eles para o escritório. Assim que passaram pela porta, houve um bochicho crescente.

– Chega, crianças! Todos para a árvore de Natal! – gritou a cuidadora Maria.

Eu fiquei para trás. Quis tentar descobrir quem eram aquelas pessoas. Quando as últimas crianças entraram no refeitório, vi o inspetor subindo com Rebeca. Meu coração saltou de alegria, pois tinha a certeza de ter feito a escolha certa. Me juntei ao pessoal e peguei os meus presentes: um CD, um livro e um conjunto de moletom. As crianças corriam pelo refeitório de um lado para o outro com seus brinquedos.

Sentei em uma das pontas do mesão e tomei o meu café já imersa no novo livro, *O Iluminado*.

– Cuidado para não ter medo de ficar no casarão.

Reconheci a voz e estremei. Não levantei a cabeça, mas olhei para trás e para os lados procurando alguma outra pessoa com quem ele pudesse estar falando, e não vi ninguém. *Será que estou sonhando?*

– Eu já li esse livro umas três vezes. É bom demais.

Quando ele voltou a falar, não resisti e olhei para ter certeza de que não estava ficando maluca. Lá estava Jonas, na minha frente. *O que ele estava fazendo ali? Eu não havia feito o pedido.* Olhei em seus olhos, ele sorriu e sentou-se ao meu lado. Meu corpo paralisou por um instante. *Por que ele estava falando comigo?* Eu estava nervosa demais para conversar com ele. Olhei ao redor, desconcertada, e o vi pousando no banco os presentes que havia ganhado: dois livros e por cima deles um CD com cara de bem velhinho.

– Ray Charles! – gritei num impulso quando reconheci, mas logo me arrependi da empolgação, morrendo de vergonha.

– Você o conhece? – perguntou ele, sorridente. – Eu li uma biografia ano passado sobre ele e fiquei maluco para escutar.

Ele me deixou sem fala por uns instantes. Eu não estava entendendo como o Jonas conhecia o Ray.

– Era o cantor favorito da minha mãe e é o meu também – respondi, tentando me segurar. Eu sempre me emocionava falando dela. – Eu herdei a discografia dele quando ela se foi.

Ele não disse nada, apenas me olhou.

– É fantástico! Acho que você vai gostar! – continuei. – Eu só faço escutá-lo desde que ganhamos o aparelho de som.

– Nossa! Caiu dos céus, né?! Como a gente podia ter só o toca-fitas até então? – comentou Jonas, sorrindo.

– É verdade – falei, lembrando que foi justamente por isso que o pedi a Rithaly. Eu estava louca para escutar os CDs da mamãe desde que entrei no orfanato, mas nunca tive como.

– Então você pode me ajudar a escolher as músicas certas, não é?! Para começar bem. – Ele sorriu de um jeito fofo novamente e eu me derreti toda. Mal pude acreditar que era o Jonas ali conversando comigo. Mas, com certeza, eu estava muito feliz.

– Claro – respondi.

– Vamos? – perguntou ele de repente.

– Para onde? – falei no susto.

Ele achou graça.

– Para a sala de música, ué! Vamos escutar o CD. – Ele estava me chamando para passar mais tempo com ele. Eu me belisquei discretamente para ver se não estava sonhando.

– Vamos – aceitei, tímida, e ele se levantou na mesma hora.

A tarde foi demais. Escutamos o CD que ele ganhou e alguns dos meus para completar. Jonas era muito mais legal do que eu imaginava e, de certa forma, fazia questão de manter aquele seu jeito misterioso, o que despertava ainda mais a minha curiosidade. O dia voou e nem sentimos as horas passarem. Quando a noite chegou, recolhemos os presentes e nos despedimos. Para mim o Natal sempre foi uma época muito especial, mas naquele ano bateu o recorde dos recordes. Foi incrível! Aconteceu tudo que eu queria e muito mais. Posso dizer que foi um Natal... perfeito.

Corri para a cama a fim de escrever uma cartinha a Rithaly contando tudo. Segui os passos para enviar o bilhete, dei corda na fada e deixei-a girar três vezes. A caixa começou a tocar “Fairy Nightsongs”, a música que tia Rita sempre cantava para mim em minhas visitas à sua casa. Coloquei o bilhete, fechei a caixinha e, quando tornei a abri-la, ele não estava mais lá. Sorri, feliz, meu coração pulava freneticamente de alegria porque eu sabia que muitos outros Natais surpreendentes ainda estariam por vir.

Copyright © 2013 by Luiza Trigo

Ilustração de Capa

RAFAELA GAMA

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais

VIVIANE MAUREY

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo e-Pub

LORENA PIÑEIRO

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T747c

Trigo, Luiza

A caixinha mágica [recurso eletrônico] / Luiza Trigo. - [1. ed.] - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013

recurso digital

ISBN 978-85-8122-328-5 (recurso eletrônico)

1. Conto infantojuvenil brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-07862

CDD: 028.5

CDU: 087.5

A Autora

Luiza Trigo é formada em Cinema e seu filme favorito é *O fabuloso destino de Amélie Poulain*. Sempre adorou ler romances e, desde que criou *Carnaval*, seu primeiro romance, vem se envolvendo mais e mais com a escrita, mirabolando e inventando novas histórias. A autora mostra suas criações e trabalhos no site www.lulytrigo.com

Leia também

